



"Escuta!!

NÃO DE SABER FALAR

É MESMO, FALAR BEM

SE NÃO, A GENTE PESSADA
À TU LADO,

APRENDE, A GENTE NÃO
SABE QUE
EXISTES."

 **EPC**

ESTUDANTES PELO COMUNISMO ano IV **27**
Out. 79

NESTE NÚMERO

Editorial....	3
Entrevista com LOLA ALBIAC....	5
Saudação....	7
Depoimento....	7
Vá camarada mais um passo....	8
Sobre a questão da mulher....	12
Apontamentos sobre a história do MA....	15
Vai acontecendo....	20
Festival de Jazz contemporâneo....	21

colaboram neste número: fátima
antunes, gi. maria morais, rogerio
luís.

comité de redacção: fernando ma
recos, joão neves, luís borges da
gama lisboa, afonso camões, luís
gaspar (porto).

sede de redacção e correspon-
dência: rua silva carvalho 255.º
1000 lisboa. telef. 655104.

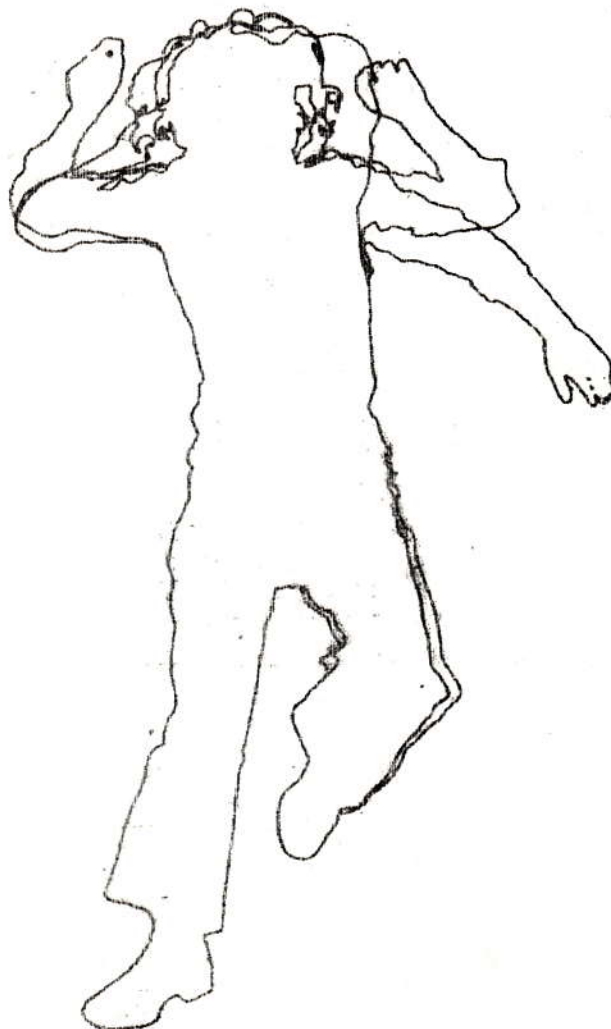
impresso no aparelho técnico do
movimento de esquerda socialista

preço: 12.50

assinatura

(5 números): 75.00

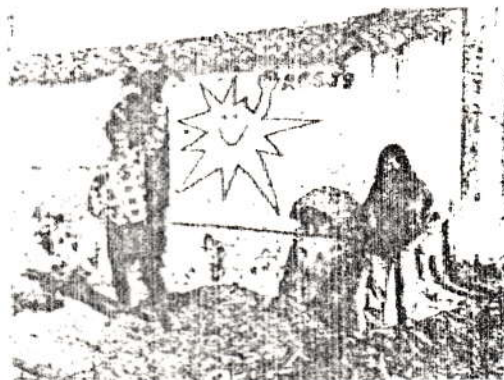
EPC27



1 De novo saímos à rua procurando,
na forma e no conteúdo, ser/exercer
uma acção transformadora.
Ao longo da nossa vida - de mais de 3 anos -
temos sofrido arranjos, influências
positivas e negativas, inflexões de estilo
e conteúdo mas, o que sempre
mantivemos foi um espírito crítico
e de iniciativa que nos permitiu arrastar com
as dificuldades e progressivamente as ir,
vencendo.
Não se espere, pois, do nosso colectivo
um espírito retraído, abatido,
"vencido pelas dificuldades da vida".
Mas, não se espere, também,
que o contributo que vimos dando
para vencer a crise do movimento estudantil
seja capaz, por si só, de ser determinante
para a resolver.

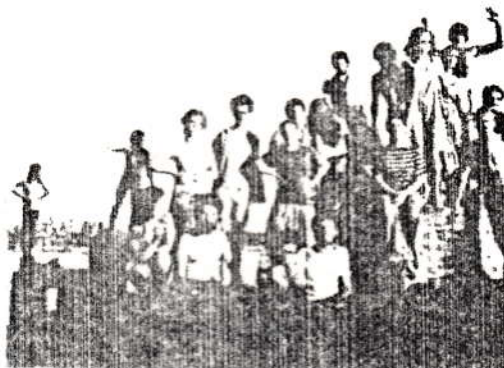
2 Encontrar respostas alternativas, dinamizar iniciativas alargadas.

Temos, como já afirmámos, uma "teoria", ou melhor um conjunto de ideias e opiniões sobre a situação do ME, mas temos também a consciência de que tal de nada servirá se um amplo leque de activistas estudantis e sectores políticos, incluindo a esquerda reformista, não encontrarem as formas práticas de debate, reflexão e acção comum que lhes permita encontrar respostas, ainda que parciais, à situação e às dúvidas que todos temos e vivemos. Nenhuma resposta se encontrará, nenhum milímetro se avançará na consolidação e dinamização das estruturas estudantis e juvenis se tal debate não avançar. Esta é a nossa profunda convicção.



Dinamizar espaços de encontro da juventude para debate dos seus problemas é hoje uma tarefa central. Avançar, segundo as situações específicas das Academias e dos diversos locais, com encontros, jornadas, colóquios, abarcando diversos sectores é, poderá ser, um contributo importante, se e a par com esta actividade, se desenvolver um esforço de unidade e acção comum que se traduza, nomeadamente, ao nível da imprensa estudantil e juvenil.

Sem um órgão unitário de imprensa juvenil não se conseguirá traduzir em consciência social e política o debate que se desenvolver, não se alargará o espaço de acção e reflexão, não se conseguirá trazer para uma actividade revolucionária quotidiana companheiros e companheiras que hoje pouco interesse manifestam pela resolução dos seus próprios problemas ou descreem já da viabilidade de um combate revolucionário.



3 Enfim, há que encarar a crise do movimento como uma realidade que, em boa medida, se superará de uma ou de outra maneira conforme individual e colectivamente perante ela nos colocamos. Ou seja, para que obtenhamos as respostas, para as quais as iniciativas apresentadas poderão ser um factor de aproximação, é necessária uma transformação no seio da própria esquerda encarando a crise que vivemos, como Gramsci, com o pessimismo da inteligência e o optimismo da vontade.

entrevista com Lola Albiac

Para todos nós, que estivémos presentes e participámos no Acampamento de Albernoa, a presença de camaradas do MC e do KB revestiu-se, por certo, de grande importância. Em particular, a participação da camarada LOLA ALBIAC, da Federação de Juventudes Revolucionárias - organização juvenil do MC, do Estado Espanhol, - durante as principais fases do debate que aí desenvolvemos, revelou-se muito positiva.

Assim, antes de partir para o seu país, trocámos algumas palavras com a LOLA.



EPC - Lola, que interesse tinha para a vossa organização a participação no Acampamento?

LA, — Entre o MC e o MES tem havido relações de amizade e fraternidade durante os últimos anos. No entanto, por parte da nossa organização juvenil só tinha havido contactos por escrito com o Secretariado Estudantil do MES. Assim, com o vosso convite para participarmos no Acampamento, abria-se a possibilidade de melhor nos conhecermos, de podermos debater os problemas do trabalho revolucionário entre a juventude, de trocar experiências neste sentido, de compreender melhor a situação que vivemos, as revolucionárias e os revolucionários de ambos os países, etc...

Tínhamos tentado que a vossa organização participasse no Acampamento que realizámos, dias antes, em Espanha. Mas tal não foi possível pela vossa parte. Para além disso pensávamos que ao realizar-se o Acampamento na zona da reforma agrária, permitiria, como depois pude comprovar, conhecer no terreno a experiência revolucionária das cooperativas e os problemas que, hoje em dia, se colocam na defesa destas conquististas.

Agora, ao ir-me, creio que aprendi bastante do vosso processo, das preocupações que tendes sobre a configuração da esquerda revolucionária no vosso país, e, espero ter-vos trazido alguns ensinamentos que temos retirado do processo que vivemos aqui em Espanha.

EPC - Que impressões tiraste das discussões sobre o tema "trabalho revolucionário de juventude e estudantil"?

LA, — Há muitos aspectos que tornam diferente a situação da juventude em Portugal da de Espanha. Mas, há também alguns pontos em comum que, a mais curto ou longo prazo, irão fazer com que a situação se torne mais semelhante do que o é hoje em dia. Estou-me a referir ao problema do distanciamento da juventude da luta política, da sensação de incapacidade e impotência que têm muitos jovens ante a situação que os cerca, um sentimento de decepção porque o "cambio", ou a passagem da ditadura à democracia, não trouxe consigo uma transformação mais radical e profunda da sociedade. Creio que esta situação traz bastantes dificuldades para os revolucionários no trabalho entre a juventude, isto tanto em Portugal como na Grécia ou em Espanha.

Neste sentido, creio, que houve discussões muito importantes sobre o que fazer e como orientar o nosso trabalho neste sector. Este é um terreno em que, penso, poderemos estabelecer uma colaboração ao abordar certas discussões numa óptica mais vasta que a da experiência localizada.

Existe, também, um campo de colaboração importante no sentido de se ir avançando na análise de alguns temas de maior envergadura que, não há dúvida, têm a sua repercussão na maneira de poder orientar da forma mais adequada

da o nosso trabalho. Estou a pensar em temas que também se levantaram no A - campamento, como seja: qual a melhor forma de organizar a juventude para um trabalho revolucionário; as condições da juventude popular no capitalismo; o papel dos jovens na revolução; a juventude e a família patriarcal... Nós, na FJR, estamos também a começar a estudá-los. Até agora pouco temos avançado, vamos ordená-los melhor, estabelecendo uma ordem de prioridades na sua discussão, delimitando qual a óptica mais correcta para os abordar, e claro, tudo isto sem nos dispersarmos.

Por outro lado, parece-nos também que, para poder levar por diante a análise da realidade, precisamos de ver como se desenvolve a luta juvenil, quais os temas que mais a fazem mover, qual o peso que têm nestas lutas os temas egritamente juvenis... Neste sentido, ao mesmo tempo que vai havendo uma maior e mais clara expressão das particularidades da luta juvenil, mais dados teremos para que a nossa análise se concretise e se defina e, também, neste mesmo sentido, com todos os erros e virtudes que cometamos, a nossa prática nos irá marcando o caminho.

Há, todavia, que ter em conta que este tema tem sido, em maior ou menor grau, uma lacuna para muitos revolucionários.

EPC - Como vêes o futuro das relações entre as nossas organizações?

LA. — Creio que, não só pela nossa vizinhança geográfica como também pelas semelhanças que atrás assinala, é o-



brigatório que, entre as e os revolucionários de ambos os países, haja uma maior colaboração no terreno do trabalho entre a juventude. Uma colaboração que se pode concretizar no intercâmbio de experiências, no abrir de discussões sobre os problemas com que nos vamos defrontando, no intercâmbio de documentos, na participação nos seminários, conferências e congressos das nossas organizações; tudo isto dentro do espírito de aprender uns com os outros e com a convicção de que a colaboração e a unidade, dos que como nós, são revolucionários, é um dos aspectos decisivos para fazer avançar a revolução.

EPC - Queres dizer mais alguma coisa?

LA. — Sim, agradecer muito sinceramente que tenhamos tido esta oportunidade nos encontrarmos e conhecermos. Com todos, e todas vocês, foi realmente fácil conseguir essa relação de camaradagem que deve existir entre os internacionalistas. Este espírito que esteve presente desde o princípio e durante toda a minha estadia, pode definir-se muito bem por uma frase de um dos vossos companheiros: "somos gentes de um mundo novo que nunca se separam, porque a luta nos une e nela as fronteiras não existem".



SAUDAÇÃO DO NORBERT

KB

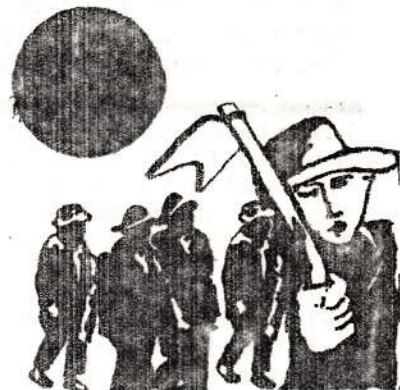
Camaradas

Devo dizer-vos que me sinto bem por ter passado convosco estes últimos 4 dias. Pelo debate e pelas canções que cantámos; pela festa que fizemos em Albernoa, onde senti uma forte unidade e solidariedade que me comoveu.

Abracos

e
Saudações Revolu-
cionárias.

ser revolucionário é transformar-se



A Maria foi uma das camaradas que participou no nosso Acampamento pela primeira vez. A forma como esteve presente nas actividades que em Albernoa desenvolvemos, foi apenas uma (mas importante) das razões pelas quais lhe pedimos um depoimento sobre "albernoa".

Algumas das outras razões retiram-se do seu depoimento que se segue. As restantes ficam para uma próxima ocasião...

Não foi, como é lógico, um Acampamento perfeito. Se nós não somos perfeitos, como o poderia ser o Acampamento?

Mas o que sentimos, de facto, foi que esse Acampamento foi um espaço aberto para a ternura. Conhecemos gente, debatemos problemas e demonstramos um pouco uns aos outros ao som da viola e do estalar de lenha

na fogueira.

Aprendemos um pouco da Reforma Agrária e do que é necessário ultrapassar para tornar mais sólida esta conquista. É certo que surgiram problemas, mas o facto de nos apercebermos deles e de sentirmos a necessidade de os discutir é um avanço: se não tivesse surgido a necessidade de contactar com as terras lon-

gínquas os transportes não tinham evoluído. E, é nesse sentido que o Acampamento é positivo: a existência de problemas não é muito agradável, mas a necessidade de os ultrapassar com o debate e a discussão é uma boa amostra de que evoluir exige sacrifícios. Pró ano teremos o que se passou neste como experiência. Saberemos responder melhor às questões e ultrapassar melhor os problemas... surgirão (talvez) outros, para evoluirmos ainda mais no outro ano... É que a diferença entre um homem comum e um revolucionário é que, ambos cometendo erros, este reflecte-os, e reflectindo-os transforma-se...

Maria

Vá, camarada, mais um passo...

Das discussões colectivas, das conversas informais ao nível de pequenos grupos, de uma leitura-reflexão-síntese surgida e sugerida pelo Acampamento, resultou este texto, uma tentativa de análise da "juventude real" e a sua caracterização ao nível dos sectores mais homogéneos detectáveis...
Texto para ler, reler e discutir.

Durante o nosso IV Acampamento falou-se muito, e discutiu-se um pouco, sobre a juventude e a sua colocação face à luta política e social - face à vida em geral. Isto aconteceu um pouco por toda a parte, nas discussões colectivas, mas sobretudo nas conversas informais ao nível de pequenos grupos. Durante os poucos balanços que tentámos fazer sobre o Acampamento, lá estavam subjacentes em algumas intervenções, essas tais questões, mais ou menos explícitas. Assim como, nas relações inter-pessoais que estabelecemos e na vida colectiva que fizemos. Pensando um pouco sobre tudo isto, cada vez me parece mais premente que continuemos a assumir como fundamental, para a continuidade de um trabalho revolucionário nas escolas, e não só, a análise e discussão aprofundadas da juventude real, das questões que se lhe põem e como se põem, do peso que estas questões têm na sua recusa ou integração (passivas ou activas) na sociedade capitalista, e de como a nossa intervenção pode

ter (ou não) um papel importante nesta opção e na construção de alternativas.

Porque sem modelos culturais de vida alternativos, sem tentar forjá-los na prática: em suma bracejando no vazio; o caminho é quase só a integração mais ou menos consciente, completa e assumida na sociedade e modo de vida burgueses. E, a continuarmos a falar nas coisas (como quotidiano de miséria) sem lhes darmos um con-

teúdo vivo, através do aprofundamento da nossa análise e do assumir da prática daí decorrente, rapidamente o espaço de intervenção revolucionária se estrangulará e nós próprios ver-nos-emos afogados no mar de vazio de objectivos, do vazio de (procura real de) alternativas.

E este trabalho cabe-nos a todos, que assumindo ou não, também nos debatemos com as tais questões da juventude, que queremos, em cada frente, fazer face ao poder ideológico e prático de enquadramento burguês de todas as conquistas, de todas as energias revolucionárias (ainda!) empenhadas na luta contra a sociedade capitalista.

Eu, não tendo veleidades de qualquer espécie, aqui deixo a minha leitura-reflexão-síntese, surgida e sugerida pelo Acampamento, da malta nova que conheço, da escola, do café e das discussões em que tenho estado.

Pretendo apenas que, recusando-a ou não, mais camaradas, a um nível mais alargado, pensem estas coisas e contribuam para o avanço...

"Vá, camarada, mais um passo..."

LINHAS/PONTOS DE RUPTURA DA JUVENTUDE COM A SOCIEDADE CAPITALISTA

- Pois bem: que é isso de ruptura com a sociedade capitalista?
- É aquilo em que a gente não se sente bem, e dá assim um vazio tão grande, que a gente lê "Patinhas" ou vai para a praia com umas violas a enganar o "bichinho" com uma de bucolismo melancólico (?) ou vai "fumar", ou ler, ou dormir, ou... .. (nada!!!)?!

O ENQUADRAMENTO FAMILIAR

Vida limitada, sem objectivos que tenham a ver profundamente com os jovens, a célula familiar não responde às necessidades de "experiências de vida" e aprofundamen

to das mesmas; os meios de comunicação, desde livros e jornais à televisão, dão a conhecer aos jovens outras vidas que eles não encontram na família, demasiado monótona e limitada nas relações com o mundo. Funciona também como meio de repressão em relação às actividades de encontro de jovens, principalmente relações rapazes/raparigas.

A ESCOLA
Muito do que se passa em relação à família aplica-se à escola, acrescido, no seu campo específico de acção, da arregimentação, do divórcio completo entre o conteúdo dos cursos, as actividades propostas e a vida dos estudantes; o assassinio premeditado da imaginação, da iniciativa, da criatividade.

A VIDA EM GERAL
A vida quotidiana nas cidades caracteriza-se pela ausência de espaço e tempo, a todos os níveis, pela mecanização, pela falsa colectivização - que não passa de despersonalização - pela violentação da individualidade, do direito à diferença, das relações das pessoas entre si e com a natureza.
As relações entre as



pessoas não ultrapassam geralmente, a exterioridade, a superficialidade o circunstancialismo: estamos com a "malta da escola" na escola; com a "malta de casa" nos fins de semana e férias; com a "malta do partido" nas reuniões; com a "malta do não sei quê" no não sei quê...

E vivemos, viajando de raspão, por todas estas "maltas".
E a sociabilidade é ainda factor integrante do ser pessoa.

Os valores oficiais, vinculados pela ideologia burguesa, de ordem, estabilidade afectiva/casamento, intelectual e material/profissão, não mobilizam (ainda) sectores da juventude, constituin

do pontos de ruptura que poderão ser consolidados e aprofundados através da procura real e colectiva, de alternativas a este nível (ver as experiências de "vida em comunidade", falhadas na sua maioria; interessaria saber porquê...) Porque é esta ausência (também a outros níveis: profissional, etc.) que provoca um movimento entre a malta nova, agora desmobilizada, mas que se demarcara fortemente daqueles valores e se vai manifestando por:
- um certo "retorno à família";
- "os passas"
- os "fui revolucionário aos 18 anos" (neste momento a idade normal de recuo já deve ter descido).

sim, e depois aquilo que tu chamaste "vida em geral"?

... vê-se bem que tens poucas ideias acerca disso...
como é que a malta dos liceus vive o dia-a-dia?
que é que os "passas" recusam nesse dia-a-dia?
e tu e eu, comuns jovens, que sentimos sempre uma grande pancada na cabeça quando Setembro começa (principalmente porque as férias também não transformaram lá grande coisa esse dia-a-dia)?
E então, que é que a gente recusa? de que é que a gente precisa? mais tempo livre para brincar, passear, ler, conversar, cantar? umas salitas com música, livros e gente?
uns fins de semana nas aldeias?
... .. (também não posso ter as ideias todas!...)

COMO SE COLOCAM OS (ALGUNS) JOVENS FACE À SOCIEDADE E À VIDA QUOTIDIANA

(caracterizando empiricamente a malta que conheço...)

- malta militante, dos partidos e independentes (poucos, quase poderíamos dizer "os velhinhos resistentes do PREC"), que sente a necessidade e possibilidade da intervenção política e social organizada, que consegue ainda manter

uma certa distanciação em relação à vida pessoal (zinha), dando prioridade à vida voltada para o exterior, mas é igualmente atravessada pela crise de valores, de perspectivas, de objectivos (e não só ao nível imediatamente político) de toda a juventude, ainda que, por vezes não assumindo claramente esta identificação. Daí o falarmos muitas vezes da juventude como algo exterior a nós, como um doente, que faltaria diagnosticar, para, em seguida curarmos...

Pelos fenómenos detectados nos últimos tempos, pode aperceber-se que deste grupo têm saído alguns dos que agora engrossam as fileiras dos "passas" e dos "revolucionários aos 18 anos".

É que, camaradas, um homem também se cansa... E as previsões apontam para um certo continuar desta imigração (até à extinção?!...)

- um outro grupo, que me parece vislumbrar, seria o de um certo sector de malta interessada na luta (alguns da passa...) fortemente marcada, por vezes, pelo individualismo e primarismos nas análises e recusas que fazem.

Nenhuma intervenção a nenhum nível, não clareza entre aquilo que querem e aquilo que recusam mas reproduzem. Dificilmente mobilizáveis para algo mais que não responda estritamente a uma necessidade pessoal (ista).

Fácilmente neutralizáveis e recuperáveis pela burguesia, já que nunca houve uma demarcação prática e real.

- E, ainda, embora assumindo formas diferentes mas com a mesma colocação objectiva, no sentido da passividade e integração no sistema, o

conjunto de malta que dentro de uns anos dirá aos filhos: "também eu fui revolucionário aos 18 anos..."

Estes jovens(?) que durante o PREC (e mesmo depois) se terão demarcado do modo de vida burguês, terão assumido uma certa luta activa contra ele e intervindo política e socialmente, encontram-se agora desgastados e (conscientemente ou não) optando pela segurança que o sistema propõe: casamento, família, profissão... (carro e televisão, porque não?) face ao vazio incómodo de que se reveste a atitude de estar na luta neste momento.

Não sejamos fatalistas, mas quando muito, serão pessoas para apanhar o combóio quando ele tiver arrancado.

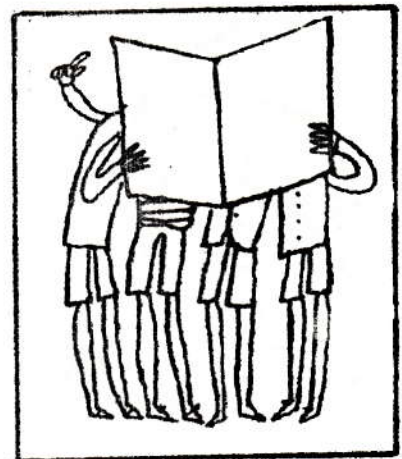
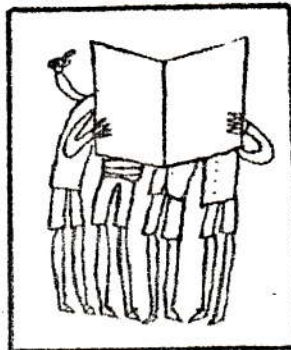
- Há também sectores com reais contradições com a sociedade, e com alguns objectivos definidos. Recusando a intervenção tradicional dos partidos, por considerar que apontando palavrosamente objectivos de transformação futura, e a níveis elevados (os grandes objectivos políticos e sociais), não fazem mais que reproduzir quotidianamente os vícios da sociedade capitalista enfermando ainda de falta de criatividade e profundidade ao nível dos conteúdos e métodos de intervenção. Apostando fortemente na transformação individual ou em pequenos grupos (e já longe as pesso-

as são capazes de estabelecer novas relações de solidariedade e encontrar objectivos comuns para a sua vida. São mobilizáveis para uma intervenção que aponte para uma transformação real e eficaz ao nível do quotidiano e da realidade objectiva.

São, muitas vezes, pessoas com certa capacidade de adesão, boa formação teórica e intelectual, e grande riqueza a nível humano.

Parece-me que, neste momento, este grupo que se coloca criticamente face à sociedade e pretende construir uma vida alternativa, não ultrapassará no entanto o nível do pequeno grupo, se entretanto não forem dados passos no sentido do alargamento do debate destas questões e da acção em relação a elas.

Parece-me ser este um dos sectores com mais possibilidades de intervenção no futuro e mais capacidade para manter uma ruptura real e frutuosa com a sociedade e modo de vida burgueses, no sentido da procura e construção de alternativas a vários níveis, ainda que pontuais e de alcance restricto, e que deverá ser privilegiado, na nossa intervenção com o objectivo de criar, manter, alargar uma frente de juventude que se coloque revolucionariamente no combate quotidiano à sociedade capitalista.



E, como já é apontado por nós, o conteúdo e formas de intervenção terão de ser, cada vez mais ligados a questões que têm directamente a ver com a vida quotidiana de cada um; as relações inter-pessoais; as relações rapazes/raparigas; a profissão (que é o técnico revolucionário? que saídas para que, mesmo aí, sirva a transformação social? que formas de organização? que articulação (ou não) com os aparelhos institucio-

nais?); o combate à mecanização, despersonalização, arregimentação, das pessoas pelo ritmo e "qualidade" de vida nas sociedades (para) tecnológicas; que espaço e tempo nas escolas, na vida profissional? que tempos livres? em suma, o tal quotidiano de miséria de que tanto falamos e tão pouco aprofundamos ao nível da análise, e cujo combate menos ainda assumimos ao nível da prática individual e/ou colectiva.

E então aí vêm as colocações e os sectores... já percebi que não são estantes, nem pretendem esgotar a caracterização da malta, mas... onde está essa gente?

pelo menos, bastantes estarão contra isto... é preciso falar com eles, a ver se a gente arranca deste lamaçal... e os outros, os que tu não falaste por que não os conheces, ou falaste mal, porque também não soubeste conectá-los...

num ponto estamos assentes:

- há ou não gente entre os 15 e os 30 (...) anos que recusa esta vida como eu e tu?

há...

isso é um avanço!

- há também gente que quer recusar na prática, isto é, construindo alternativas?

ótimo... não estamos tão mal como parece!

- então, temos é que nos encontrar!!!... como vai ser? anúncio no jornal? não dá...

concentração na praça da Liberdade? só por si, duvido...?!

- e se a gente dissesse isto mesmo: "estamos aflitos, daqui a pouco vamos nos apanhados por completo... a gente acha que

isto

e isto

e isto

não funcionam!

e não queremos perder o pé.

como é que vocês acham que se pode sair daqui (pelo menos a cabeça para respirar e começar a ver a outra margem)?"

NOTAS FINAIS

- Não creio que os sectores que apontei sejam estanques; pelo contrário, penso que há cambiantes entre eles e permutas, que as características a pontadas não podem ser



entendidas à letra, mas a penas como uma tentativa de síntese de discussões em que participei e vivências que tive.

Nada, portanto, de rigidez na leitura das coisas que digo!...

- Esta análise decorre duma vivência limitada, não tenho grandes experiências ao nível do contacto com as imensas "maltas" (quase seitas) que entre nós florescem e pululam.

Por certo imensas coisas me falharam, por certo milhares de insuficiências se detectam.

Mais textos, camaradas!

E misturemo-nos com essas "malta", para sabermos como são, e discuta-mos e aprofundemos, e avancemos na acção!

Este texto aqui está, pronto a receber todas as flechas que achem por bem mandar-lhe. Não lhe chateia nada ser o alvo de imensos tiros.

Digam da vossa justiça!

A Fátima tem, como todos sabem, as costas largas. Um braço apertado...

Fátima



mulher

O tema da problemática da mulher constituiu um dos momentos mais importantes do Acampamento. O texto que agora publicamos resulta da discussão havida, e procura sintetizar os pontos básicos de um debate, indispensável, que não pode ser considerado marginal ou sectorial. Esperamos que mais artigos surjam para que o EPC possa ser de facto "uma tribuna de discussão, aprofundamento e reflexão do problema da luta pela emancipação da mulher".

Em primeiro lugar há que dizer que a questão da mulher tem sido um tema mais ou menos considerado marginal e muito pouco abordado, sobretudo ao nível do colectivo dos estudantes. Por isso, quando nos juntámos (eu, a Lola e a Cristina) para pensar a reunião, o que nos pareceu mais lógico foi que, se a discussão ainda não tinha sido praticamente iniciada, havia que pegar nela pelo princípio.

Assim, definimos alguns pontos básicos em que cada uma de nós faria uma breve exposição e o conjunto dos camaradas poriam questões e dariam as suas opiniões. Os pontos que apresentámos à discussão (e que nos parece que podem e devem continuar a ser discutidos), foram os seguintes:

1. O que é a opressão da mulher.
2. Como se caracterizam 3 das principais correntes do movimento de mulheres.
3. Trabalho concreto

na questão da mulher, experiências já realizadas ou em desenvolvimento.

4. Perspectivas de trabalho sobre a questão da mulher: no ensino, nos estudantes, na juventude.

1 O que é a opressão da mulher? Isto é, em que consiste essa opressão, qual a sua origem histórica e que características foi apresentando ao longo dos diferentes sistemas sociais e políticos, e quais as que apresenta ainda hoje, na sociedade capitalista (as questões do trabalho doméstico, do direito ao trabalho, da sexualidade, da sociedade de consumo)? A secundarização da mulher na sociedade existe desde as primeiras formações sociais, isto é, implícita ou explicitamente a mulher teve sempre, desde que há conhecimento de grupos sociais humanos, um papel secundário. Ainda que em algumas sociedades primitivas a mulher tives-

se sido adorada pela sua função reprodutora, mas esta adoração era feita em termos místicos e ligando o papel da mulher exclusivamente à fecundidade. Na vida social, política e económica a mulher continuava a não ter qualquer papel importante.

A quando da divisão social do trabalho e da subsequente apropriação do excesso da produção, verifica-se um agravamento desta situação. Aí a mulher começou a ser encarada como valor de troca, já que uma das maiores riquezas seria possuir muitas mulheres porque isto implicava produzir mais força de trabalho - os filhos. Quando o homem percebeu que tinha (ele também) um papel importante na reprodução, começou a encarar a mulher como objecto.

Dáí que, a contradição homem/mulher (não sendo embora uma contradição fundamental) tem atravessado todas as formações sociais conhecidas através da história.

No feudalismo e modos de produção pré-capitalistas, a mulher ou era o anjo consolador (tipo Nossa Senhora das Dores) ou o demônio de quem se deve fugir a "sete pés" (e a mais alguns se se pudesse...). Na vida social e política nunca teve qualquer papel, muito embora pudesse (subtilmente) influenciar maridos e amantes (a mulher das classes altas) ou, ajudar no artesanato ou na agricultura os seus companheiros artífices ou lavradores. Nas artes e nas ciências é coisa rara uma mulher, e mesmo assim, todos sabem os problemas que essas raras mulheres tiveram em fazer-se reconhecer.

A sociedade capitalista não criou a opressão da mulher. Soube, sim, aproveitar-se dessa histórica contradição homem/mulher para melhor explorar as classes dominadas (de homens e mulheres). Assim, no capitalismo, vemos uma mais refinada opressão da mulher. Ela é, mais do que oprimida, explorada duplamente (ou triplamente, se considerarmos a questão sexual):

. No trabalho ainda recebe menos do que o companheiro, ou é relegada para trabalhos de menor importância, além de não ter acesso nem condições para aperfeiçoamento profissional. É ela sempre a primeira a ser despedida, não só por circunstâncias ditas biológicas (partos etc.) mas também, porque ao homem "compete" sustentar a família.

. Em casa, mesmo que tenha trabalhado fora todo o dia, ainda tem que fazer o trabalho doméstico, tratar dos filhos, etc., trabalho esse que "tradicionalmente" é

considerado "específico" da mulher.

. No ensino e na cultura, a jovens mulheres têm muito mais dificuldades, ou por questões de educação ou de família, de acesso ao ensino ou à especialização.

. Na vida social e política, a mulher, para além de não ter tempo (os seus braços já não chegam para o trabalho, a casa, os filhos...) também não tem, na prática, acesso a lugares de chefia ou de direcção, de importância em terrenos sociais e políticos.

. Na sexualidade, não restam dúvidas de que à mulher é reservado o papel de objecto de prazer sexual do homem e a utilizar quando este o pretende. É o homem "esquece" completamente as características da sexualidade da mulher (nomeadamente do clítoris), do seu prazer e da sua vontade. A feminilidade (leia-se passividade) tão apregoada, não é mais do que um conceito que a ideologia da classe dominante propaga para não dar aso a que a mulher conheça a sua capacidade de iniciativa também no campo do amor e do prazer.

. E então que dizer da sociedade de consumo, a agitação de mais um detergente ou uma sopa "Knorr" a ser servida por uma dona de casa modelo que espera paciente e "femininamente" pelo marido que chega do trabalho?!...

. No que diz respeito à moral e formação das mulheres, basta referir que, desde que nasce, a rapariguinha tem já o seu destino marcado: as roupas, os brinquedos, as conversas, etc., têm por detrás um fim que é forçá-la no seu papel de "dona-de-casa-mulher-es



posa-mãe".

2 Em relação à caracterização dos movimentos de mulheres, distinguiremos 3 correntes fundamentais:

- os movimentos reformistas,
- os trotskistas,
- os radicais.

a) No que diz respeito aos reformistas temos a considerar 3 aspectos fundamentais:

. Puramente reivindicativos, isto é, a luta das mulheres é reduzida à conquista de melhores salários ou regalias sociais.

. A questão da tática - o trabalho das mulheres só serve enquanto tiver como fim recrutar ou agitar as palavras de ordem e a tática mais geral do partido. Outras questões relativas à questão da mulher são relegadas para segundo plano, já que são consideradas "infortunadas". A emancipação da mulher nunca está na ordem do dia.

. A questão estratégica - isto é, o modelo de sociedade e de relação entre pessoas: a "família socialista" (modelo soviético) que só é alternativa em termos sócio-económicos, melhoria das condições materiais de vida, aspectos salariais, acesso ao ensino, mas que em termos de alternativa qualitativa de vida pouco ou nada adianta (questão sexual, cultural, etc.).

b) Trotskistas: para estes há que considerar, em primeiro lugar, que em alguns casos (sobretudo em Portugal), têm sido os pioneiros no tratamento da questão da mulher mas, por outro lado, subordinam esta às decisões e tática da IV Internacional, para além de considerarem que:

- . O grande e único culpado da opressão da mu-

lher é o capitalismo, logo, depois da revolução, automaticamente, deixará de existir opressão e exploração da mulher.

. Dentro do partido (trotskista), mulheres e homens estão imunes às concepções machistas da sociedade, portanto o que é preciso é libertar as mulheres de fora do partido - isso, na prática, traduz-se no tafetismo do tratamento da questão da mulher que lhes é peculiar.

c) Radicais - estes movimentos de mulheres caracterizam-se por terem, em princípio, métodos de análise marxista, isto é, reconhecem a divisão da sociedade em classes e a sua luta.

Um dos aspectos mais importantes da caracterização destes movimentos é a sobrevalorização e exclusividade da contração homem/mulher, transpondo mecanicamente a teoria da oposição burguesia/proletariado para considerar a contradição homem/mulher como fundamental, o que implica que o principal inimigo da mulher não é o sistema capitalista de exploração, nem as concepções machistas, mas sim o homem, não só de uma forma geral mas também particular. Com esta lógica, estes movimentos pensam que a mulher se deve organizar em partidos só de mulheres para lutarem contra os homens e tomarem o poder.

É preciso nestes movimentos, salvaguardar o aspecto de existirem no seu interior, muitas diferenças.

3 Neste terceiro ponto foram abordadas algumas experiências do NOSSO TRABALHO concreto na questão da mulher:

- . No Grupo Autónomo das Mulheres do Porto (GAMP), que embora seja de iniciativa trotskista, tem sectores alarga-



dos de "malta" a colaborar. Tem feito exposições, sessões de planeamento familiar e agora está quase totalmente empenhado na campanha da CNAC (Campanha Nacional pelo Aborto e Contraceção) que tem desenvolvido lutas e movimentações sociais, aproveitando este ano dedicado internacionalmente (CIDA) à luta pela legalização do aborto - processo Maria Antónia Paíla, Conceição Massano. A CNAC é uma estrutura unitária, embora não estejam presentes os movimentos reformistas de mulheres (MDM por exemplo).

. Trabalho no âmbito do planeamento familiar, sua divulgação sobretudo em bairros desfavorecidos (em Lisboa).

. Experiências localizadas (por exemplo em Portalegre) que tem falhado por falta de apoio e perspectivas de trabalho.

Como conclusão, referiu-se que o trabalho nestas frentes é sobretudo um trabalho unitário (em especial com os movimentos radicais e trotskistas), já que em Portugal o movimento feminista está ainda nos seus princípios.

4 As perspectivas de trabalho sobre a questão da mulher, quer no ensino e estudantes, quer ao nível mais alargado da juventude, só superficialmente foram abordadas. A discussão terminaria com a proposta de fazer

continua pag. 22

apontamentos sobre a história do MA

I DIA DO ESTUDANTE

Realizou-se em 1951 e constou de festival desportivo, tarde cultural, e um baile de recepção aos novos alunos, cujos lucros tornaram possível a criação do Cine-Clube universitário de Lisboa. Estas realizações não atingiram ainda impacto significativo.

II DIA DO ESTUDANTE

Comemorou-se em 25 de Novembro de 1951 e constou de festival desportivo, de sessão cultural no IST e de uma exposição de pintura na faculdade de Ciências. Ainda desta vez a projecção da iniciativa foi fraca.

III DIA DO ESTUDANTE

Teve lugar a 25/1/56. Realizaram-se os I jogos florais de poesia e uma sessão de teatro (empresa Vasco Morgado). Comparado com as duas anteriores pode-se considerar um êxito esta realização.

IV DIA DO ESTUDANTE

Preparado a partir da experiência do ano anterior, inclui amanhã desportiva no IST, um espectáculo no teatro Apolo pela companhia de arte popular do Brasil, jantar-festa de confraternização no IST e II jogos florais de poesia. O nível geral destas iniciativas foi, no entanto, mais baixo embora se registasse uma maior participação de estudantes.

V DIA DO ESTUDANTE

Realizado em 19/3/58, caracterizou-se por um novo tipo de realização. O CDUL organizou o festival desportivo, exibiu-se o Orfeão universitário de Lisboa, organizaram-se os III jogos florais universitários de poesia e os I jogos florais de conto, houve um almoço de confraternização e uma sessão plenária para discussão do tema "Para um melhor enquadramento das organizações de estudantes".

Tal como anunciámos no EPC25 a secção história irá manter-se no nosso boletim, tentando dar uma contribuição positiva para a renovação de uma memória colectiva indispensável para que a experiência passada seja um factor decisivo na correcção da nossa prática e na definição de uma política futura mobilizadora dos estudantes e da juventude.

Publicamos neste número a II parte do artigo que iniciámos no EPC 25 e com ele "chegamos" à crise de 69. O objectivo que traçamos para esta 1.ª fase da secção é a cobertura de todo o desenvolvimento do movimento estudantil e associativo até aos nossos dias:

- de 1949 à década de 60 (EPC 25)
- década de 60 (EPC 27)
- crise de 69 (1.º artigo EPC 24)
- da crise de 69 ao 25 Abril 74
- do 25 Abril 74 aos nossos dias

Pensamos que a partir daí, teremos um texto base sobre o qual poderemos avançar na discussão, até talvez polémica, sobre o passado da luta estudantil e das lições a retirar para a nossa acção.



VI DIA DO ESTUDANTE

Realizado em 13 e 14 de Março de 1959. Efetuou-se uma sessão teatral na faculdade de letras em colaboração com os grupos de teatro desta escola e de Coimbra, festival desportivo no estádio universitário, uma sessão plenária para discussão do tema "A Vida na Cidade Universitária", lanche de confraternização e sessão cultural no IST. Mais uma vez foram organizados os II jogos florais de conto e os IV jogos florais de poesia. Um grande passo em frente foi dado com a presença em Lisboa de estudantes de Coimbra e do Porto.

VII DIA DO ESTUDANTE

Foi repartido por 3 dias: 29 e 30 de Abril e 1 de Maio de 1960. Realizou-se uma sessão de colóquios subordinados ao tema "A escola, elemento de formação humana", sarau teatral, festival desportivo, sarau cultural, I salão universitário de artes plásticas e lanche. Mais uma vez Coimbra e Porto estão presentes.

VIII DIA DO ESTUDANTE

O dia do estudante de 1961 é repartido por 4 dias e a participação de Coimbra e do Porto está inserida num esforço conjunto de aproximação das 3 academias no qual se inclui a "Tomada da Bastilha", o Encontro de Jonívio, o Encontro de Pedagógicas, o Encontro da Imprensa, etc... Nos dias 16 e 17 realizam-se colóquios sobre problemas sociais dos estudantes. No dia 18 projecta-se um cortejo académico com saída do Parque Eduardo VII (não foi autorizado) e um baile. No dia 19, festival desportivo, sarau cultural e jantar. Estas realizações ultrapassam

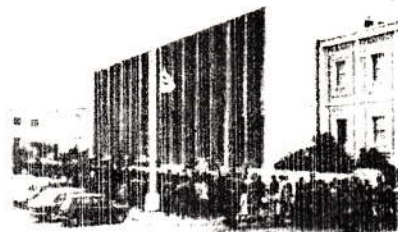
já o âmbito do dia do estudante de Lisboa para se tornarem o dia do estudante português.

crise de 62

O desenvolvimento do movimento associativo num sentido federativo e de defesa dos interesses dos estudantes tinha ganhado raízes e o "processo do 40900" tinha acelerado uma ampla consciencialização e dado uma base combativa às reivindicações. A proibição das comemorações do dia do estudante de 1962 foi um dos muitos episódios do ano da crise académica.

Em Coimbra, a quando da inauguração da biblioteca universitária, faz-se uma grande manifestação estudantil na qual é entregue uma exposição ao MEN acerca dos subsídios à AAC. No 2º período, o 1º Encontro Nacional de Estudantes que deveria tratar questões como problemas pedagógicos, sociais, imprensa, democratização do ensino, etc., é proibido pelo governo.

Em Lisboa, os estudantes recusam-se a participar no Cinquentenário da Universidade clássica. À entrada da sessão organiza-se espontaneamente uma manifestação de protesto ao Presidente da República. Baloneta-se a cantina, fazem-se greves e manifestações satíricas, a quando da abertura da cantina universitária sem uma base de entendimento com os estudantes. No dia 24 de Março 1962, dia para que tinha sido marcado o dia do estudante, a cidade universitária aparece bloqueada



pela polícia fortemente armada. Milhares de estudantes concentram-se frente à reitoria protestando contra a presença da polícia e a proibição do dia do estudante.

A crise prolonga-se até Junho, com greves a aulas a 95% e 100% durante vários dias. As concentrações sucedem-se quase todos os dias, os estudantes são insultados pelo governo, são presos estudantes e dirigentes associativos. Em Coimbra, realizam-se assembleias e greve de um dia de solidariedade com Lisboa. Depois das férias da Páscoa a luta é agravada com a proibição do funcionamento da Assembleia Magna e a substituição dos dirigentes. Como resultado fazem-se manifestações, ocupa-se a sede da AAC dada a intenção da polícia de a fechar, fazem-se plenários e não se realiza a Queima das Fitas.

No Porto, fazem-se concentrações, plenários e greve de apoio aos estudantes atingidos pela repressão governamental. Importa ainda referir que milhares de estudantes das escolas comerciais e industriais, dos liceus e escolas técnicas manifestam de diversas formas a sua solidariedade para com os universitários.

Façamos agora alguns apontamentos de balanço da crise de 62:
- a política governamen

tal de mentira e violên-
cia, a impossibilidade
de acesso à imprensa, a
demissão de docentes, a
acção da polícia para
destruir a secção de
propaganda, a expulsão
de dezenas de estudan-
tes em Lisboa e Coimbra,
tudo isto, conseguiu de
certa forma ser denunci-
ado.

- foi possível estabele-
cer uma boa ligação en-
tre as massas e os diri-
gentes associativos, de-
senvolveu-se a consciên-
cia estudantil na base
de um processo assente
em amplas massas, foi as-
sim possível desenvolver
uma capacidade crítica
nos estudantes e derro-
tar as correntes que de-
sejavam capitular a to-
do o custo e abandonar
a luta.

- conseguiu-se o apoio
da maioria dos docentes
de Coimbra e Lisboa, ou-
viram-se as suas opini-
ões, mas nunca se perdeu
a condução estudantil
da luta.

- conseguiu-se o apoio
da população através
dos comunicados das or-
ganizações profissio-
nais, petições de inte-
lectuais, apoio dado aos
presos, pela solidarieda-
de do comércio de Coim-
bra, pelos aplausos da
população lisboeta às
manifestações estudan-
tis.

- ficou comprovado o
bom funcionamento das
RIA's, funcionando quase
ininterruptamente, condu-
zindo o processo, para a
lém da actuação magnífi-
ca da secção de propa-
ganda e comissões de a-
poio produzindo constan-
temente milhares de co-
municados numa seguran-
ça completa.

A situação do movimen-
to associativo à escala
nacional é, após a crise
de 62, bastante caótica
e os estudantes vêem-se

confrontados com uma no-
va realidade: a regula-
mentação circum-escolar.
Em Lisboa, onde a situa-
ção é melhor do que nas
outras academias, as as-
sociações mantêm-se, a-
bertas seguindo-se as
d direcções anteriores co-
missões de representati-
vidade, aceites por as-
sembleias de estudantes.
Em Coimbra desenvolve-
-se o abstencionismo e
a AAC é fechada.

O decreto 44632 (1) im-
põe uma comissão perma-
nente sem base associa-
tiva, procurando liqui-
dar a vida estudantil
limitando ao máximo o
trabalho de coordenação
e o âmbito das activida-
des, retirando às AAEE
grande parte das insta-
lações.

Entretanto em Lisboa, o
movimento começa a reor-
ganizar-se e a RIA pro-
cura fortalecer-se. São
presos dirigentes asso-
ciativos e estudantes
(Medeiros Ferreira - sec-
geral da RIA).

O dia do estudante de
1963 é proibido. É convo-
cado um plenário, embo-
ra também proibido, onde
se decide não realizar
o dia do estudante, o
que demonstra que a As-
sembleia Geral dos Estu-
dantes de Lisboa, que tí

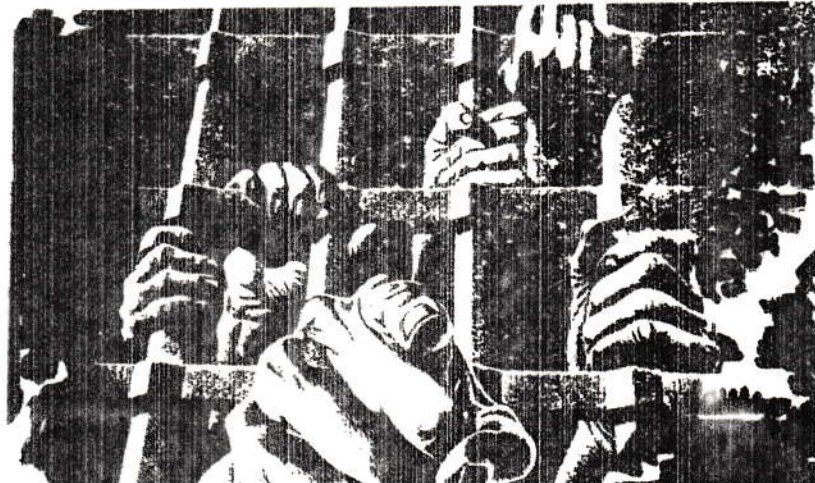
1) veio substituir o
decreto 40.900

nha sido uma conquista
da crise, conserva a sua
operacionalidade.

Na porfia de liquidar o
movimento associativo o
MEN impõe comissões de
transição que têm como
tarefa impor a altera-
ção dos estatutos asso-
ciativos.

Em Coimbra, mantendo úni-
camente o CR (conselho
das repúblicas) alguma
representatividade, a co-
missão de transição é
imposta e faz a revisão
dos estatutos. Estatutos
estes, que reconhecem a
obrigatoriedade das mi-
norias serem representa-
das nos organismos ire-
tivos, retira o artigo
que caracteriza a asso-
ciação como areligiosa
e apolítica, dá quase au-
tonomia às secções des-
portivas incluindo a
possibilidade de nelas
estarem integrados indi-
víduos não estudantes
(podendo até ser direc-
tores), retira a repre-
sentatividade à Assem-
bleia Magna.

Não obstante, nos anos
de 63/64 caminha-se pa-
ra um fortalecimento as-
sociativo. A prová-lo es-
tá a realização em Lis-
boa do dia do estudante
apesar de proibido e de
baixo de uma feroz re-
pressão. Realizam-se ain-
da greves parciais em 4
escolas (Lx) de protes-
to contra os processos

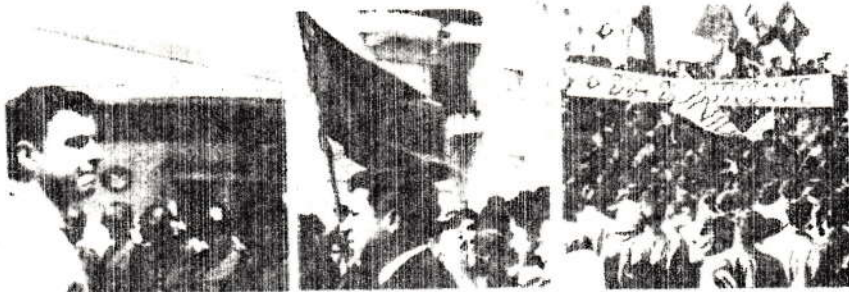


instaurados a dirigentes associativos. Em Coimbra, as Assembleias Magnas procuram ultrapassar as inúmeras dificuldades existentes mantendo uma linha de defesa intransigente dos interesses estudantis.

Importa ainda referir, a criação do Secretariado Nacional, que entre outras tarefas deveria: coordenar as actividades associativas de Lisboa, Porto e Coimbra, elaborar os estatutos da UNEP e criar um jornal para as 3 academias. Este Secretariado baseou a sua actividade na estrutura mais dinâmica: a RIA de Lisboa. Acompanhou e auxiliou ainda o trabalho em Coimbra e no Porto, colaborando na publicação do "Mocho", jornal com bastante importância nesta fase do ME. No entanto, a repressão abate-se sobre a universidade e a esmagadora maioria dos quadros de direcção são presos, mandados para a tropa, ou têm de fugir do país. O SNEP não consegue, assim, a cumprir qualquer das tarefas a que se propunha.

Quanto ao trabalho no Porto, resta referir que sempre se debateu entre uma perspectiva apologética das greves e uma perspectiva abstencionista, e entre a criação de associações por escolas ou a criação da Associação Académica do Porto.

Toda a década de 60 pode ser considerada como um período de organização consciencialização e combatividade crescente do mov. associativo e estudantil; as características da movimentação estudantil têm o seu desenvolvimento num pano de fundo



constituído por uma sociedade portuguesa onde joga papel decisivo a guerra colonial e outros acontecimentos marcantes como o caso do Santa Maria e o assalto ao Quartel de Beja. Os pontos altos destes anos de luta estudantil são sem dúvida as crises de 62 e 69, restando acrescentar outras 2 características homogéneas do movimento até esta última data: o sistema escolar não sofre nenhuma alteração qualitativa e a direcção política do movimento estudantil é sempre hegemónizada pelo reformismo. Podemos dizer que 1962 marca um novo salto qualitativo que é proporcionado pelo ascenso das lutas populares contra o fascismo (lutas do operariado industrial por aumento de salários e do proletariado rural do Alentejo e do Ribatejo pela jornada de 8 horas), pela perda de base de apoio do regime fascista, nomeadamente de largos sectores católicos, pelo início da guerra colonial, pelo isolamento do regime português face às democracias burguesas europeias, pelo avanço imparável das lutas de libertação

nacional e também por condições próprias do grupo estudantil: a caducidade do sistema de ensino, a incapacidade do regime em integrar as mais elementares reivindicações estudantis, e a criação e fortalecimento de muitas AAEE dirigidas por sectores progressistas.

Os anos que se seguem até 1969 são anos de refluxo e de reorganização. Mas são também anos que possibilitam e forjam as condições para o "salto" qualitativo da crise académica de Coimbra.

O II Seminário de Estudos Associativos realizado em 1964 faz o balanço da actividade anterior do MA e aponta 2 conclusões principais: - a crítica do retorno à prestação de serviços - a crítica às posições que defendem a mediação das grandes reivindicações.

Os anos de 63/64, embora de refluxo são anos combativos e para além do dia do estudante e das acções já mencionadas, a reorganização é feita fundamentalmente em resposta ao decreto-lei 44632.

Os anos seguintes de 65/66 são anos de novo ascenso da luta estudantil assumindo características idênticas ao processo de 62: a RIA de Lisboa é de novo a estrutura de direcção de um processo que mobiliza milhares de estudantes numa perspectiva de luta anti-fascista recuada, que acompanha o crescer do movimento popular e que mais uma vez vai quebrar fundamentalmente devido às medidas repressivas que são tomadas.

Em 67/68 o apoio às famílias atingidas pelas cheias de 25 e 26 de Novembro, constituiu uma oportunidade de ligação do movimento estudantil à realidade exterior à escola. No entanto, esta oportunidade não foi aproveitada, o processo foi pouco dirigido e não deu lugar a um passo qualitativo na acção do MA. Durante o processo foi editado o boletim "Solidariedade estudantil" pelo SCIP-Secretariado coordenador de informação e propaganda. Chegamos assim a 1969, luta que é o resultado da crise da universidade e do regime que a "construiu", mas sobre tudo o resultado do crescer da consciência política estudantil e da rejeição radical da universidade e do regime, da organização social e política da sociedade portuguesa.

Produto dos novos ventos que sopram, ou seja, da "primavera marcelista", das eleições de 69, do "beco sem saída" da guerra colonial, da influência do Maio 68 (temas de discussão, reivindicações e formas de luta).

A crise Coimbra, alarga-se também a outras escolas, principalmente a IST e ISCEF, sobretudo



ao nível das suas características básicas: o aprofundamento cultural do debate estudantil, a contestação ao autoritarismo e ao conteúdo das cadeiras, a luta contra a guerra colonial, o esforço de ligação à luta dos trabalhadores, a par de uma polarização das tendências ideológicas. É desta forma que no IST vai adquirir importância principal e tradição a imprensa estudantil; no ISCEF a experiência dos cursos livres; e em Coimbra as sessões culturais, as famosas "baladas", etc...

1969 é, portanto, o marco principal da transformação da problemática estudantil: da "solidariedade entre a universidade e a nação" passa-se para a defesa da ligação da luta estudantil à luta da classe operária e dos povos oprimidos das colónias; opera-se a ruptura com o reformismo e o movimento estudantil dota-se de uma perspectiva anti-capitalista.

Fernando M.

Arma/Critica

Os trabalhos preparatórios para levar em frente um debate político sobre os problemas da juventude e a necessidade de um novo programa da esquerda para este sector, foram iniciados.

Os primeiros contactos foram positivos, esperando-se ser possível divulgar, em breve, o manifesto de lançamento desta iniciativa.

eleições

Após se terem gora do as negociações para a concretização duma frente unitária às eleições intercalares, devido às posições sectárias da UDP/PCP(R), nenhuma candidatura apresenta candidatos que representem as forças revolucionárias do movimento estudantil. As forças políticas que se apresentam às eleições, UEDS e UDP, não exprimem essas posições revolucionárias, já que:

A UDP, extremamente enfraquecida na juventude após a cisão quase total da UJCR, é incapaz de corporizar as aspirações de amplos sectores radicais da juventude; a UEDS não tem conseguido após a sua formação, estabelecer bases sólidas no seio da juventude, contrapartida da sua política de raiz essencialmente reformista. Resta, pois, votar contra o bloco de direita, contra a Aliança Anti-Democrática como forma de restringir o seu campo de manobra e assim preservar forças para as batalhas políticas de 80.

contactos

Com vista ao debate de alguns temas nomeadamente as Jornadas estudantis, têm-se realizado contactos entre o colectivo do EPC e a direcção estudantil da UC. Pensa-se ser possível alargar dentro em breve o âmbito destes contactos, os quais se têm revelado muito proveitosos.

reunião do colectivo EPC

Esteve reunido em Mira, no fim de semana de 5, 6 e 7 de Outubro, o colectivo estudantil do EPC

Em debate, sobretudo a adequação das propostas saídas do Acampamento, o início do ano lectivo e a actual situação nas Academias. Esteve assim em discussão a iniciativa "Jornadas Estudantis" e a nossa acção no campo da imprensa.

jornadas

Reiniciaram-se os trabalhos da Coop. Arma/Critica, de Lisboa, com vista a superar algumas deficiências existentes, a consolidar a sua estrutura e a dinamizar as suas actividades.

Está em preparação um plano de actividades para este ano lectivo, o qual prevê, nomeadamente, a abertura de uma sede que permita dinamizar um centro de convívio para a juventude.



mulher

Realizou-se no dia 29/9/79 a 1ª Reunião Nacional de Mulheres do MES após o IV Congresso. Estiveram presentes camaradas do Porto Caldas, Leiria e Lisboa.

Dos pontos tratados na ordem de trabalhos, ressaltam: as informações sobre a reacção do trabalho da CNAC; o balanço extremamente positivo da participação de algumas camaradas nos cursos de formação do MC - Movimento Comunista; o balanço e perspectivação da articulação entre o trabalho da mulher e o actual quadro político e organizativo do MES.

Como conclusões principais desta reunião destacaremos:

- A actual situação política e organizativa do MES não

permite avançar desde já com a estrutura Autónoma de Mulheres.

- Funcionarão colectivos de mulheres para estudar, aprofundar e reflectir o "trabalho da mulher", localizados regionalmente. Nomeadamente em Lisboa, Porto, Leiria, Portalegre e Caldas.

- Estes colectivos de mulheres têm como objectivos: . aprofundamento teórico.

. reforço da intervenção no movimento de mulheres (particularmente na CNAC).

. discussão política articulada com as possibilidades de trabalho noutras frentes: - sindical, cultural, etc. . edição de um boletim, de apoio à discussão.

A próxima reunião nacional terá lugar no dia 1 de Dezembro, em Lisboa, tendo como principal ponto de discussão o tema de aprofundamento teórico: "sexualidade, maternidade, aborto."

MA

Após as férias, reiniciaram-se também as actividades das várias AAEE. A nível federativo está prevista, em Lisboa, a realização de reuniões inter-AAEE para debater problemas de organização federativa e a acção dos serviços sociais, os quais tendem (dada a política de "austeridade" dos governos) a restringir os serviços aos estudantes, favorecendo assim uma crescente elitização do ensino.

JAZZ

CONTEMPORÂNEO



O Pavilhão do Naval, em Setúbal foi palco de uma experiência musical nova e rica. Rica na qualidade do som, rica na qualidade, participação e intervenção dos vários músicos participantes. Por ali desfilarão músicos de Jazz Contemporâneo vindos dos vários países da Europa e dos EUA, além da presença de 3 músicos portugueses (que marcaram bem a sua presença). Este festival não tinha fins lucrativos, antes de divulgação, mas mesmo assim, a assistência não foi numerosa e a partida a sua constituição era da melhor, pois, estamos ali para ouvir Jazz, estávamos ali também por uma intensa curiosidade do que iria acontecer. Estávamos lá para fugirmos à grande cidade, à vida de rotina do nosso quotidiano e ao nosso ambiente cultural miserável e frustrante.

Foi o primeiro grande festival de Jazz Contemporâneo e também culturalmente subversivo, fora do esquema da cultura dominante. Tanto pelo conteúdo, como pela forma como os músicos foram contactados (directamente).

Além da qualidade de muitas participações, salienta-se o cariz eminentemente de intervenção e crítica social, através da desmontagem do espectáculo convencional, feito pela Companhia Lubat, despertando uma assistência já sonolenta no final da noite de sábado, com o seu espectáculo anti-espectáculo, através da maneira e comportamento dos seus elementos e atitudes em palco, os quais integram actores e bailarinos. No Domingo de manhã voltaram a actuar em frente

ao museu da cidade. A primeira grande presença coube ao trio em que tocou Carlos Zingaro - A. Centazzo (bateria, percussão) C. Zingaro (violino) K. Carter (contrabaixo), seguindo-se talvez um dos momentos mais altos e mais aplaudidos deste festival - Evan Parker (GB), que tocou a solo o seu sax soprano.

"A música de E. Parker tem-se demarcado decisivamente dos padrões afroamericanos, numa proposta estética radical utilizando novas técnicas instrumentais: fôlego contínuo, improvisação total explorando sons sobre-agudos, nova concepção de fraseado" (do programa).

Actuação comparável foi a de Steve Lacy (USA), também em sax soprano, no Domingo. Ainda de referir, no sábado, a actuação do trio de Paul Motion e Workshop de Lyon. No Domingo estávamos preparados para mais uma maratona e mais uma vez começou com algum atraso. Foi a vez de 2 músicos portugueses, António Pinto e Zé Eduardo, em piano e contra baixo, começando com uma melodia de rara beleza. Outra grande presença, que quer pela expectativa e curiosidade, quer pelo seu carácter inédito, foi o Feminist Improvising Group, constituído por 5 mulheres, 5 feministas. A cantora Maggie

Nichols fez vibrar com a sua voz e maneira de estar em palco. Este grupo foi apresentado pela Fété, que também esteve presente com os seus mûchachos, além do Faquir Young e do ilusionista Le Afar.

À medida que o tempo ia passando, se ia comendo e bebendo, ou uma sopina bem quente ou pastéis e outra comida macrobiótica, também fomos ficando um pouco cansados e por vezes dormindo uns minutos.

Com o trio de Sunny Murray (EUA), com S. Murray na bateria, um dos nomes mais da percussão do Free, foi também um dos grandes momentos de Jazz.

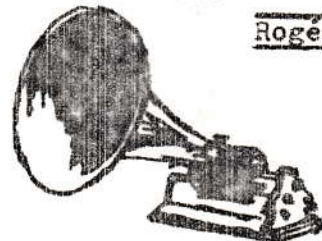
O Festival acabou já na madrugada de 2.ª feira e com uma das actuações mais comunicativas de todo o Festival, com o trabalho de Mike Westbrook Brass Band (GB) com uma intenção política, utilizando algumas canções de Brecht.

"Esqueci-me de me encerrar num estilo..." (entre vista de M. Westbrook no Jazz Magazine, Maio 79 - do programa).

A situação no Alentejo, não muito distante, não foi esquecida e foi guardado um minuto de silêncio pelos trabalhadores assassinados pela GNR.

Esperamos voltar ao 2.º Festival...

Rogério L.



MULHER

uma reunião só de muine res, ali no Acampamento. Esta proposta levantou celeuma por parte de al gumas camaradas que con sideravam que, já que se tinha discutido em con junto (homens e mulhe res), não fazia sentido reunir as mulheres sepa radamente:

- a) se isso não seria por os problemas em termos sexistas: "ques tão da mulher - trata da por mulheres"?
- b) se, por acaso, é cor recto, e porquê, as mu lheres organizarem-se autónomamente?

Este ponto suscitou al guna discussão, já que se relacionava com a proposta apresentada pe la CNQM sobre a estru tu ra autónoma de mulheres: . Porquê (ou porque não) estrutura autónoma de mulheres dentro do par tido? . Porquê organização au tónoma de mulheres em grupos ou associações?

Aqui ficam as questões levantadas aguardando que o EPC venna a ser a partir de agora, também, uma tribuna de discuss são, aprofundamento e re flexão do problema da luta pela emancipação da mulher.

Então, que dizes dos próximos anos?



Digo que vão ser cheios de altos e baixos.



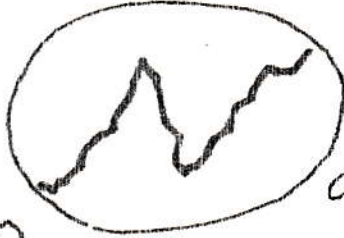
Hum... estás pessimista...?



NÃO!? Vou preparar nos baixos os ALTOS!



!?!?



GI